

Adoradores da recessão

André Gustavo Stumpf

CORREIO BRAZILIENSE
28 MAI 1995

O senador Pedro Simon (PMDB-RS), dono de uma gesticulação invejável e de uma ironia rara em políticos gaúchos, foi muito feliz na tribuna do Senado, na manhã da última sexta-feira, ao perguntar, de público, ao presidente Fernando Henrique:

— Qual é a razão para que a remuneração de meu dinheiro, quando o coloco no banco, seja de 3% ao mês. E, quando eu pego a mesma quantia emprestada, no mesmo banco, seja remunerado a 16% ao mês, embora a inflação esteja ao redor dos 2% mensais?

O presidente da República deve saber como responder a seu amigo e correligionário. Mais difícil, no entanto, fica a posição dos integrantes da Seita dos Adoradores da Recessão, aquele conjunto, algo fanatizado, de seguidores da escola econômica de Chicago que entra em delírio diante da possibilidade de matar alguns brasileiros de fome, de quebrar empresas e destruir as economias. Tudo em nome de uma boa e devastadora recessão.

O Plano Real já merece alguns biógrafos. Eles terão um bom trabalho pela frente. Em primeiro lugar, é bom que se diga, o plano deu certo. Funcionou na prática e não apenas nos laboratórios dos meninos que brincam com as finanças do Brasil. Isso é assustador, porque, neste país, uma boa história tem que conter ingredientes trágicos e resultar em desastre. Rende material para bons livros, permite que a garotada deixe o governo e vá se empregar nos melhores escritórios de consultoria

da Avenida Paulista. Alguns deles se transformam em banqueiros.

Desta vez, contudo, deu certo. Ou melhor, deu certo demais. Acertaram o milhar no jogo da economia. Não há desastres previsíveis. Até o México, passado o susto e depois do socorro norte-americano, começa a se levantar. Os argentinos, de quem se espera uma explosão há alguns anos, também se seguram e, por isso, irradiam maior credibilidade. Os brasileiros, e seus economistas enlouquecidos, procuram a crise. Na falta dela, produzem-na.

Não há como pagar 16% ao mês de juros reais sobre uma economia relativamente estabilizada. Isso é loucura. Mas loucura é o estado normal de um economista em função de governo. Não es-

quecer que já confiscaram pcpu-pança. Agora mexem nos impostos com a facilidade de quem muda de roupa. Porém, o momento atual é de superação absoluta: eles ameaçam romper os acordos internacionais que criaram o Mercosul, porque fábricas de automóveis estão preferindo investir na Argentina e no Uruguai, e de lá exportar seus produtos para o Brasil.

Esse absurdo autoritarismo da área econômica não combina com a ação política do mesmo governo. Afinal, o governo trata de abrir as portas ao capital estrangeiro ou nacional. Os economistas, no entanto, desconhecem as regras da concorrência e tentam dirigir o investimento externo e o interno. O mais curioso nessa balbúrdia kaf-

kiana é que economistas foram os responsáveis pelos textos que se transformaram em normas internacionais, agora em vigor.

Como eles ainda não inteferem na legislação dos países vizinhos, pretendem, com atos impositivos, e unilaterais, isolar o Brasil dentro do Mercosul. Enquanto o governo luta para abrir o comércio, os economistas trabalham para fechá-lo. Quando não estão ocupados com alguma interessante pesquisa acadêmica, eles voltam os olhos para o Brasil e decidem que milhares de brasileiros ficarão sem emprego amanhã, um outro tanto deixará de ir a escola e que dezenas de hospitais vão fechar. Estão todos genuflexos diante da perspectiva de fazer aparecer a grande deusa: a recessão final.

